

DESAFIOS DA AMÉRICA DO SUL NA NOVA ORDEM MUNDIAL: PONDERAÇÕES POLÍTICAS E ESTRATÉGICAS

Eden Pereira Lopes da Silva

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

yedenev1945@gmail.com | orcid.org/0000-0002-3017-5886

Resumo

Este artigo discute a situação geopolítica na América do Sul, pontuando questões militares e econômicas após a publicação recente de documentos estratégicos dos Estados Unidos e Grã-Bretanha. Serão analisados alguns elementos da conjuntura sul-americana após a Crise de 2008-09, destacando o fortalecimento da presença econômica asiática na região, bem como a militarização ao longo das últimas décadas que ganha contornos mais sólidos com a desagregação da União das Nações Sul-americanas (UNASUL). Partindo disso, se discutirá a presença da América do Sul nos documentos *Global Britain in a competitive age* e *2021 Annual Threat Assessment of the US Intelligence Community*, indicando a importância de duas zonas de recursos naturais, o bioma amazônico e o continente antártico. Por fim será apresentada uma reflexão apontando desafios políticos para a América do Sul diante da emergência de uma Nova Ordem Mundial caracterizada pela Competição Sistêmica dos Estados Unidos contra a China.

Palavras-chave: América do Sul, Grã-Bretanha, Estados Unidos, geopolítica e Nova Ordem Mundial.

CHALLENGES OF SOUTH AMERICA IN THE NEW WORLD ORDER: POLITICAL AND STRATEGIC CONSIDERATION

Abstract

This article discusses the geopolitical situation in South America, highlighting military and economic issues after the recent publication of strategic documents from the United States and Great Britain. Some elements of the South American situation after the 2008-09 Crisis will be analyzed, highlighting the strengthening of the Asian economic presence in the region, as well as the militarization over the last few decades, which gains more solid contours with the disintegration of the Union of South American Nations (UNASUR). Based on this, will be discuss the presence of South America in the documents *Global Britain in a competitive age* and *the 2021 Annual Threat Assessment of the US Intelligence Community*, indicating the importance of two natural resource zones, the Amazon biome and the Antarctic continent. Finally, a reflection will be presented pointing out political challenges for South America in face of the emergence of a New World Order characterized by the Systemic Competition of the United States against China.

Keywords: South America, Great Britain, United States, Geopolitic and New World Order.

DESAFÍOS DE SUDAMÉRICA EN EL NUEVO ORDEN MUNDIAL: CONSIDERACIONES POLÍTICAS Y ESTRATÉGICAS

A R T I G O

Esta obra está licenciada sob uma licença Creative Commons Atribuição - Não comercial - Compartilhar igual 4.0 Internacional.



Resumen

Este artículo analiza la situación geopolítica en América del Sur, destacando cuestiones militares y económicas tras la reciente publicación de documentos estratégicos de Estados Unidos y Gran Bretaña. Se analizarán algunos elementos de la situación sudamericana después de la crisis de 2008-09, destacando el fortalecimiento de la presencia económica asiática en la región, así como la militarización en las últimas décadas, que adquiere contornos más sólidos con la desintegración del país. Unión de Naciones Suramericanas (UNASUR). En base a esto, la presencia de América del Sur se discutirá en los documentos *Global Britain in a competitive age* y *the 2021 Annual Threat Assessment of the US Intelligence Community*, Lo que indica la importancia de dos zonas de recursos naturales, el bioma del Amazonas y el continente antártico. Finalmente, se presentará una reflexión señalando los desafíos políticos para América del Sur frente al surgimiento de un Nuevo Orden Mundial caracterizado por la Competición Estratégica de Estados Unidos contra China.

Palabras clave: Sudamérica, Gran Bretaña, Estados Unidos, geopolítica e Nuevo Orden Mundial.

Introdução: o cenário mundial e sul-americano pré-Covid-19

O período entre 1998 e 2011 foi um importante momento para América do Sul, que esteve em uma posição periférica no sistema mundial nos últimos séculos. Nele emergem vários governos populares e progressistas pautados pela melhoria das condições de vida e maior soberania política nos países gerou resultados importantes. Um deles foi a intensificação do processo de integração regional iniciado com o Mercosul na década de 1980, que resulta na fundação da UNASUL. Em 2011, este bloco possuía cerca de 430 milhões de habitantes, cuja maioria era jovem. No mundo seria a terceira região mais populosa do planeta, atrás apenas de Índia e China. O Produto Interno Bruto (PIB) somado em 2014, era de 5,4 trilhões de dólares, ficando atrás apenas de China e Estados Unidos (KNOMEA, 2014). Somada em bloco, a produção industrial era de 1,150 trilhões de dólares, cuja importância era menor somente que Japão, Estados Unidos e China (WORLD BANK, 2014).

Este processo foi possível porque a *Guerra ao Terror* gira boa parte da atenção dos Estados Unidos para a construção de um império de bases pelo mundo enquanto na América do Sul ocorre o colapso sucessivo de governos neoliberais. Processo que resulta na derrota da proposta dos Estados Unidos de estabelecer a Área de Livre Comércio das Américas (ALCA). A melhor coordenação dos países sul-americanos também intensifica as relações com outras partes do mundo, onde os acordos construídos na década de 2000 resultam em um potente polo político.

A região ganha importância internacional pela construção de outros dois grupos: O G20, onde Brasil e Argentina representam a região; e o grupo BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul), que exigia reformas nas organizações financeiras e políticas mundiais. O cenário em que esta articulação se assentava coincidiu com o retorno da China ao posto de potência global e a reemergência da Ásia. Esta ainda é uma mudança desafiadora para as estruturas sociais, políticas e econômicas na região.

Após a Crise de 2008, ocorre uma intensa disputa por mercados e recursos naturais que levou a várias rupturas políticas na África, Ásia e América do Sul. A doutrina neoliberal reaparece com uma maior presença militar e política dos Estados Unidos. O triunfo eleitoral de Mauricio Macri na Argentina em 2015, seguido por desestabilizações políticas na Venezuela e Brasil, “esfriou” as políticas de articulação regional. O resultado dessa onda foi o esvaziamento paulatino da UNASUL com a saída de 6 dos 12 países entre 2018 e 2019- a única exceção foi o Paraguai, suspenso desde 2012. Porém, ressaltamos que a política neoliberal nunca se ausentou por completo no período dos governos populares e de centro-esquerda, apenas perde força devido às convulsões sociais e políticas da década de 1990. Em uma recente análise sobre este período histórico, Atilio Borón e Paula Klachko, afirmam que a manutenção do modelo econômico baseado em matrizes econômicas forjadas no colonialismo, aprofundadas com o neoliberalismo, foi pouco ou nada mudado dependendo do país. Isso foi um fator impulsionador da “nova onda” neoliberal sobre toda a região (BORÓN, KLACHKO, 2020).

Entretanto, a “nova onda” diferencia-se no aspecto institucional, pois com exceção do Chile- onde a Constituição tem origem neoliberal-, nenhum líder neoliberal foi eleito em condições “institucionais normais” na região. O *Lawfare*, definido por Cristiano Zanin como uma das novas ferramentas de guerra de imposição dos interesses dos Estados Unidos, cumpre importante papel para o retorno da política neoliberal. O caso judicial no Equador contra o ex-presidente Rafael Correa é citado como exemplo comparável aos processos no Brasil contra o ex-presidente Lula (ZANIN-MARTINS; VALIM, 2019). A própria ideia de *Lawfare* é inserível dentro de um arco conceitual mais amplo, a Guerra Híbrida. Presente no livro, *O Brasil no espectro de uma Guerra Híbrida*, escrito pelo antropólogo Piero C. Leirner, onde discute a origem da teoria da Guerra Híbrida e seu aparecimento no Brasil, assim como o próprio uso da ideia como um instrumento que carrega consigo outros arcabouços sociais, militares e políticos (LEIRNER, 2020).

Apesar do esforço estadunidense de impor interesses sobre a América Latina, onde mantém firmes e históricas relações com as elites econômicas e políticas, aos poucos, essa direção aponta para a Ásia. O impulso da China à condição de potência global, bem como a Índia, trouxe uma nova situação para as elites sul-americanas. A identidade com a Europa e Estados Unidos, que foi também econômica e política por décadas e séculos, tem se restringido cada vez mais aos aspectos ideológicos.

A soma em dólares das relações econômicas entre a América Latina e a China salta de 12 bilhões de dólares em 2000 para 217 bilhões em 2016 (NATIONAL BUREAU STATISTICS OF CHINA, 2001 e 2017). A mesma evolução é vista nas relações econômicas com a Índia, que saltam de 1,3 para 25,2 bilhões no mesmo período, cuja tendência é ampliar ainda mais (DEPARTMENT OF COMMERCE, s/d). Estes números expõem um cenário de intensificação das relações com os países asiáticos que se inicia na década de 1990, mas que ganha mais vigor nos anos 2000.

Anos	1992	2000	2008	2016
Portos Atlânticos				
Buenos Aires (ARG)	4,7	6,2	10,8	8,2
Cartagena (COL)	-	12,2	20,0	36,9
Santos (BRA)	28,4	43,0	81,0	131,4
Carga Somada Total	33,1	61,4	111,8	176,5
Portos Pacíficos				
Buenaventura (COL)	-	7,2	10,6	17,6
Callao (PER)	-	10,8	19,0	18,9
San Antonio (CHL)	2,8	9,1	7,9	18,2
Carga Somada Total	2,8	27,1	37,5	54,7

Quadro 1. Movimentação de cargas nos portos de Buenaventura, Buenos Aires, Callao, Cartagena, Santos e San Antonio- 1992, 2000, 2008 e 2016. Produzido pelo autor com dados retirados de: Infraestructura Portuaria Argentina- 1810-2010. Editado por Cámara Argentina de la Construcción. s/d, pp. 43 e 46; Movimiento de carga por los puertos de Colombia- Informe Consolidado- Año 2008. Editado por Oficina asesora de Planeación Superintendencia de Portos e Transportes, Bogotá, 2009; Movimiento de carga por los puertos de Colombia- Informe Consolidado- Año 2016. Editado por Superintendencia de Portos e Transportes, Bogotá, 2017; ANTAQ. Anuário do Porto de Santos; AGENCIA BRASIL. Porto de Santos fecha com recorde de movimentação de carga; PORTO DE SANTOS. Mensário estatístico, 2008; Plan maestro del terminal portuário de Callao. Editado por Autoridad Portuaria Nacional, 2010, p. 38; Resumen: Movimiento de Carga en los terminales portuários de uso publico y privado, año 2016. Editado por Autoridad Portuaria Nacional, 2017; Coordinacion General de Puertos y Marina mercante. Editado pela Secretaria de Comunicaciones y Transportes; PURTO SAN ANTONIO. El Puerto en cifras.

O quadro acima expõe esta mudança pelo crescimento da importância econômica dos portos pacíficos frente aos mais antigos e históricos da costa atlântica. Esta mudança é visível na Colômbia, país bioceânico. Mesmo que o crescimento da quantidade de carga movida nos portos pacíficos não tenha ocorrido de imediato, o aumento no atlântico é concentrado nos portos de Santos, no Brasil, e Cartagena na Colômbia. Em Buenos Aires, por outro lado, é possível ver um ritmo de crescimento bem menor. Aliás, reformas de expansão ocorrem em muitos portos pacíficos latino-americanos durante as décadas de 1990 e 2000. Callao, no Peru, e Manzanillo, no México, são dois exemplos desta transformação geoeconômica continental. Este processo tem efeitos econômicos, sociais e políticos sobre as elites das tradicionais cidades portuárias atlânticas. Os países pacíficos, Equador, Peru e Chile, que tiveram dificuldades econômicas nos últimos séculos por causa da centralidade atlântica, são hoje privilegiados pela geografia. Uma mudança que aumenta a importância das articulações políticas no oeste da América do Sul. Evidentemente, esta mudança também afeta os interesses dos Estados Unidos, potência hegemônica na área.

Estabelecidas estas considerações, este trabalho analisa alguns pontos deste cenário regional fragmentado, marcado por mudanças mundiais. O foco da observação é a segurança militar e política dos países sul-americanos diante da reaparição de tensões regionais oriundas de disputa por recursos naturais e posições estratégicas. Tensões que envolvem a presença de Grã-Bretanha e Estados Unidos que hoje buscam fortalecer sua posição global.

A partir disso analisaremos como a América do Sul aparece em dois documentos que traçam planos estratégicos para os próximos anos: *Global Britain in a competitive age*- Grã-Bretanha- e *2021 Annual Threat Assessment of the US Intelligence Community*- Estados Unidos. Documentos que descrevem a presente década como decisiva para o poder ocidental diante da ascensão e solidificação do projeto de integração asiático liderado pela Parceira Estratégica de China e a Rússia.

Por fim, acreditamos que a Pandemia da Covid-19, evento de maior impacto histórico desde a Segunda Guerra Mundial, indicou a incapacidade dos Estados Unidos de oferecerem ao mundo, assim como à América do Sul soluções políticas. Compreendemos que isso se reflete na crescente abordagem militarizada por parte de Washington sobre os aliados e a região sul-americana nos últimos anos.

1. A militarização da América do Sul

No período mais sólido da UNASUL, os conflitos regionais perdem a intensidade e reflexões políticas inéditas sobre segurança e defesa desde os países sul-americanos se realizam. Isso foi fruto de vários acordos anteriores como o Pacto ABC (Argentina, Brasil e Chile) de 1915, resgatado por Brasil e Argentina na década de 1980 com a Declaração de Foz do Iguaçu (1985) e a criação da Zona de Paz e Cooperação do Atlântico Sul (1986). No entanto, essas reflexões sobre a segurança sul-americana surgem como resposta histórica às ameaças externas. A própria criação do Conselho Sul-Americano de Defesa (CDS) em 2008 ocorre depois da reativação da 4ª Frota Naval dos Estados Unidos¹. Apesar da curta duração, trouxe discussões cruciais em âmbito regional, ainda válidas no presente período.

Os principais pontos do *Plano de Ação de 2013* apontavam a criação de um grupo de trabalho para construir mecanismos de cooperação nos âmbitos de proteção e defesa dos recursos naturais e biodiversidades. Este plano é desenhado no período da Cúpula Rio+20 que discutia metas sobre meio ambiente e sustentabilidade, e busca articular as ideias de responsabilidade ecológica e segurança regional. Dentre as indicações gerais do plano, destacamos as seguintes: 1) Existem riscos e ameaças à segurança dos Estados membros da UNASUL devido à biodiversidade e recursos naturais; 2) É necessário criar uma ordem jurídica para defender estes bens que devem constituir um eixo transversal da política de segurança regional; 3) Os

¹ A 4ª Frota Naval estadunidense opera na Segunda Guerra Mundial na defesa da América Latina aos ataques de países do eixo. Foi dissolvida em 1950 e reativada em 2008.

recursos naturais e a biodiversidade devem ser os pontos estratégicos para a dinâmica da unidade sul-americana (UNASUR, 2013, pp. 6-8). Venezuela e Argentina propuseram solucionar estas questões com: A criação de um comando militar unificado dos países da UNASUL e a elaboração de exercícios militares em conjunto para a defesa da biodiversidade e recursos naturais; E a realização de um estudo prospectivo para o cenário e conceito de defesa sul-americano para o ano de 2025 (UNASUR, 2013, pp. 2 e 5)

É importante evidenciar hoje estes pontos porque: 1) Boa parte das propostas não foram levadas à frente por causa da mudança conjuntural na região após 2013, onde os diálogos na UNASUL e a construção da política de segurança regional perdem força; e 2) A questão do desenvolvimento de um conceito de segurança ligado ao eixo da biodiversidade e recursos naturais está presente no documento de defesa Global Britain in a competitive age sob menções diretas. Eis um trecho:

Na América Latina e o Caribe, o Reino Unido continuará a desenvolver fortes parcerias baseadas em valores democráticos compartilhados, inclusive desenvolvimento resiliente, livre comércio e interesse mútuo no combate ao Crime organizado e a corrupção. **Com por volta de 23% das florestas tropicais, 30% das reservas globais de água doce e 25% da terra mundial cultivável, a região é uma parceira vital no combate a mudança climática e restauração da biodiversidade** (HM GOVERNMENT, 2021, p. 64). (Traduzido pelo autor com auxílio do google tradutor)

Em boa parte dos documentos da política de defesa dos Estados Unidos e da OTAN, a América Latina nunca aparece como parceira nominal, sendo parte do que se conceitua como *Hemisfério ocidental*. Um sentido mais amplo e comum é o de *Euro-Atlântico*, onde abrange também os países da África Ocidental, e que traz outro ponto fundamental para esta discussão. A política sul-americana das potências é indissociável do poder hegemônico hemisférico. Celso Amorim, ex-Chanceler e ex-Ministro da Defesa- que refletia uma política iniciada na Ditadura Militar- observa a relação da América do Sul com a África a partir de aspectos históricos, econômicos e geopolíticos. O historiador Luiz Felipe Alencastro afirma que a história colonial brasileira é fortemente ligada a um espaço econômico e geopolítico no Atlântico Sul sob liderança lusófona. Em suas palavras, duas partes unidas pelo oceano que se complementam em um único sistema de econômico e geopolítico (ALENCASTRO, 2000, p. 9)

A ausência de coesão na concepção atlântica de defesa sul-americana se origina na história colonial e independente da região. Colômbia, Peru, Chile, Equador e Bolívia, nunca foram integrados por completo nesta discussão. A construção individual dos interesses de cada país, expôs as fragilidades políticas da região, onde a Guerra das Malvinas é considerada um exemplo, que inclusive foi a ignição para intensificar discussões sobre segurança (MONIZ-BANDEIRA, 1993, pp. 244-250). Contudo, em países onde os Estados Unidos tinham maior presença, como Peru, Colômbia e Chile, tais mudanças não ocorrem. O uso contínuo das Doutrinas de Segurança Nacionais (DSNs) nestes países para combater “inimigos internos” prossegue a militarização da política sem ditaduras abertas. Este processo se refletiu

com os crescentes gastos militares nas últimas décadas na região. Dados presentes nos anuais estatísticos do Instituto de Estudos para a Paz de Estocolmo (SIPRI).

Anos	1988	1993	1998	2003	2008	2013	2018
Brasil	15.397	11.834	15.726	16.340	21.823	26.229	28.177
%	49,60%	-	51,11%	-	49,02%	-	51,01%
Colômbia	2.055	3.190	4.631	6.067	8.741	9.887	10.135
%	6,62%	-	14,48%	-	19,63%	-	18,34%
Chile	2.416	2.202	2.840	3.566	4.950	5.069	5.546
%	7,78%	-	11,15%	-	11,11%	-	10,04%
Argentina	7.289	3.607	3.328	2.825	3.384	3.936	3.843
%	23,48%	-	10,41%	-	7,60%	-	6,89%
Peru	3.097	1.781	1.754	1.449	1.777	3.135	2.649
%	9,97%	-	5,48%	-	3,99%	-	4,79%
Equador	1.238	1.264	2.060	1.201	2.219	3.003	2.549
%	3,98%	-	6,44%	-	4,98%	-	4,59%
Uruguai	1.024	902	935	754	831	1.032	1.271
%	3,29%	-	2,29%	-	1,85%	-	2,30%
Bolívia	236	254	453	422	529	677	619
%	0,76%	-	1,41%	-	1,18%	-	1,12%
Paraguai	310	296	228	156	192	340	387
%	0,99%	-	0,71%	-	0,43%	-	0,70%
Guiana	15	9	-	26	36	36	62
%	0,04%	-	0,08%	-	0,08%	-	0,11%
Venezuela	19	22	14	11	34	29	-
%	0,06%	-	0,04%	-	0,07%	-	-
Gasto total	31.041	25.361	31.969	32.817	44.516	53.373	55.238

2

Quadro 2. Gastos militares de Estados sul-americanos entre 1988 e 2018- Em milhões de dólares de 2018 e em porcentagem. Dados do SIPRI. Retirados de: <https://www.sipri.org/sites/default/files/Data%20for%20hh0all%20countries%20from%201988%E2%80%932019%20in%20constant%20282018%29%20USD.pdf>.

Os dois países que chamam a atenção neste quadro são a Colômbia e o Chile. No caso colombiano, se em 2000, o país possuía um efetivo por volta de 144 mil militares (RAND CORPORATION, 2001, p. 103) - excetuando as forças paramilitares-, o número quase dobrou em menos de duas décadas, chegando a 265 mil em 2016. Por outro lado, o notável crescimento de gastos do Chile não se refletiu no crescimento de pessoal efetivo, algo que merece atenção, em especial porque após o fim da ditadura pinochetista boa parte de sua estrutura política militarizada permanece (WORLD BANK, 2000).

Retirado o Brasil deste quadro, por exceções relacionadas ao seu tamanho, a Colômbia ganharia a posição de maior dispendido militar na região, com 37% do total, seguida pelo Chile com 20%. Apesar do aumento de gastos e expansão dos efetivos militares de 202 para 366 mil entre 2000 e 2016 no Brasil (KUHLMAN, 2007, pág. 147), as motivações se relacionam mais com a inserção mundial do que com ameaças vizinhas. A Argentina, tradicional

² Calcular os gastos militares reais na Venezuela é difícil devido à desvalorização da moeda causada pelas sanções dos Estados Unidos e outros países depois de 2016. Mas é possível ver o crescimento diante de contratos com empresas militares russas e a expansão das forças armadas.

adversária do Brasil, permanece com uma quantidade estável de efetivos neste intervalo, entre 62 e 79 mil, onde são a Marinha e a Força Aérea que alavancam este crescimento (GOBIERNO DE ARGENTINA, 2018).

Em relação à Venezuela é importante discutir os números do SIPRI, pois para além das sanções econômicas, existe uma tendência de se subestimar ou superestimar os gastos militares dos países inimigos do ocidente. A título de exemplo, a *Red de Seguridad y Defensa de América Latina* (RESDAL), uma *think tank* com acadêmicos civis da região que analisa e publica estudos sobre segurança e defesa, destaca em uma publicação de 2016, que naquele ano, a Venezuela ficou apenas atrás do Brasil em gastos com defesa.

Embora entre 1999 e 2019, a América do Sul tenha mantido a média correspondente à 3% dos gastos mundiais no setor militar, ocorreu nítida mudança geopolítica. Colômbia e Chile são dois novos atores militares de peso, e isso importa na medida em que os dois se situam em três zonas estratégicas da região, a Amazônia, o Triângulo do Lítio e a Antártida.

A área do Lítio, inclusive recebeu a atenção especial de um estudo conduzido pela pesquisadora Mônica Bruckmann em 2011 sobre a política dos Estados Unidos em relação aos recursos naturais na região. Este trabalho analisa a partir de documentos estratégicos dos Estados Unidos, publicados na segunda metade da década de 2000, a importância adquirida pela América Latina dentro do novo momento do capitalismo, caracterizado pelo grau estratégico de acesso à recursos minerais raros. Bruckmann reflete sobre a possibilidade e importância de exploração da posse destes recursos naturais para estabelecer um modelo alternativo de desenvolvimento que resguarde a segurança econômica e política regionais (BRUCKMANN, 2011).

Compreendemos que a militarização sul-americana não é apenas parte de um movimento interno, mas também, e principalmente externo. Nas últimas décadas, os Estados Unidos ampliam sua presença militar a partir das duas balizas de sua política externa entre 1980 e 2010: a Guerra às Drogas e ao Guerra ao Terror. O principal meio dessa expansão ocorre através de acordos como o Plano Colômbia³. No período posterior a este plano, o número de bases estadunidenses na Colômbia subiu de 5 para 9 entre 2001 e 2018. Isso gerou reflexos no vizinho Peru que passou de 2 para 8 bases no mesmo período (CICCHINI; HERRERA, 2013; e GRANMA, 2018).

Ainda na década de 1980, quando várias ditaduras militares na região chegavam ao fim, é criado o Comando de Operações Especiais do Sul (*Special Command Forces of South- SOCSOUTH*) pelos Estados Unidos, englobando toda a área territorial da antiga 4ª Frota. O SOCSOUTH é subordinado ao Comando de Operações Especiais, responsável pelas famosas *Black Ops* (Operações Encobertas). Algumas de suas responsabilidades são treinar forças policiais e militares para táticas de guerra convencionais ou não, operações de mapeamento ilegais a partir das bases estadunidenses, controle de espaços estratégicos, e por vezes execuções extrajudiciais.

³ Acordo militar firmado entre Estados Unidos e Colômbia em 1999, cujo objetivo oficial era combater o tráfico de drogas no país por meio da assistência de militares estadunidenses.

Outra questão importante é a continuidade do funcionamento da *Escola das Américas*, renomeada em 2001 como Instituto do Hemisfério Ocidental para Cooperação em Segurança (*Western Hemisphere Institute for Security Cooperation*). Esta instituição ainda forma oficiais anualmente para as forças armadas de vários países latino-americanos, cujas únicas exceções são Venezuela, Cuba e Nicarágua. De acordo com o próprio site do instituto, no momento os dois países sul-americanos com o mais militares matriculados são Colômbia (192) e Peru (136), mas a presença de uniformados de Brasil (17), Equador (10), Chile (8), Argentina (7), Bolívia (5), Paraguai (5) e Uruguai (3), também chama a atenção (WHINSEC, 2021).

Diante deste cenário, tensões nacionais e regionais têm ganhado espaço frente a desarticulação da UNASUL. A Amazônia, por exemplo, se tornou uma área de ebulição de conflitos entre a Colômbia e os países vizinhos desde 2008, quando se intensificam operações especiais na Amazônia. A mais recente resultou na execução do líder dissidente das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia- Exército do Povo (FARC-EP), Jesus Santrich, em território venezuelano. Outra operação semelhante ocorreu no Equador contra Raul Reyes, um dos líderes das FARC, em 2008. Importante lembrar que a Colômbia é atualmente parceira global da OTAN.

Tensões recentes também ocorrem entre o Chile e a Bolívia diante de um litígio terrestre por causa do acesso ao mar, e os interesses no mercado mundial do lítio, hoje dirigido pelos bolivianos. Historicamente, a Guerra do Pacífico (1879-1883) deixou La Paz em posição de desvantagem sem acesso a rios estratégicos e ao Oceano Pacífico. Mario Travassos esboça esta questão ao colocar a posição boliviana como central para o controle da América do Sul, pois o país expõe as contradições na região. Diante disso a condição potencial pela posse de reservas de recursos naturais e posição geográfica pivô, torna a Bolívia pela condição mediterrânea uma verdadeira refém de países terceiros (TRAVASSOS, 1938, pp. 44-46 e 50-54).

A saída militar para solucionar a questão marítima, não tem sido a primeira opção boliviana, porém o lítio pode vir a ser objeto de ambição para o governo chileno diante da possível perda de valor do cobre. Metal de propriedades condutoras para fios e cabos, aos poucos substituído em testes e produções por nanotubos de carbono, mais ecológicos e capazes de conduzir com mais eficiência energia elétrica e conexões fibrais (HERBST; MACÊDO, 2004). Desde a década de 2010, o cobre obtém queda de preço no mercado mundial, atingindo com violência o PIB chileno e a própria CODELCO (Corporação Nacional de Cobre do Chile), dirigida pelos militares desde a Ditadura Pinochet⁴.

⁴ Dados do Trading Economics mostram que o pico do preço mundial do cobre foi de US\$ 4,47 em fevereiro de 2010. Apesar de chegar ao preço mínimo de US\$ 2,04 em 2015, o boom das commodities desde 2020 fez o cobre ultrapassar a máxima histórica de US\$ 4,50 em maio de 2021. Porém a tendência não indica maior crescimento devido a estabilidade do valor entre US\$ 4,00 e 4,50 nos últimos seis meses. Os preços do petróleo, aço e ferro registram semelhante tendência em relação as de estabilidade no valor das commodities. Disponível em: <https://tradingeconomics.com/commodity/copper>.

Diante disso compreendemos que os impactos da desarticulação da UNASUL são profundos na geopolítica regional. O quadro de militarização, impulsionado pelos Estados Unidos nas últimas décadas, intensifica ainda mais este processo de disputas regionais e internacionais. A Guerra do Chaco (1932-1936) é um exemplo histórico desta disputa por recursos naturais na região estimulada por interesses de grandes petrolíferas mundiais, ocorrido durante o período posterior à Crise de 29. Com base nestes pontos, cabe analisar os documentos estratégicos que desenham o mapa de algumas das futuras ações políticas de Estados Unidos e Grã-Bretanha na região.

2. A América do Sul segundo o norte: ponderações desde 2021 *Annual Threat Assessment of the U.S. Intelligence Community* e *Global Britain in a competitive age*

Após 2008, se torna público o colapso da ordem mundial do pós-Guerra Fria, caracterizada pela hegemonia dos Estados Unidos, e a tentativa de concertação estendida, abrangendo as economias emergentes- Rússia, Brasil, China, Índia, África do Sul, Coreia do Sul e outros- no G20. Os sinais de desgaste daquele período se consolidam apenas hoje em uma nova ordem mundial em construção. Segundo Theotonio dos Santos, a Crise de 2008 demonstrou que o peso mundial das economias emergentes era cada vez maior na medida em que elas sofrem um impacto menor do que os países centrais do capitalismo (DOS SANTOS, 2016, pp. 488-496).

Em certa medida, a pandemia da Covid-19 trouxe isso à tona com fortes imagens de expropriação de equipamentos e insumos médicos no início de 2020 por parte da Europa e Estados Unidos. A Índia, uma expoente entre os emergentes, chegou a negar o fornecimento de insumos e vacinas para outros países, incluso os europeus, enquanto a situação sanitária fosse grave. Diante de tão clara transformação na correlação de forças internacionais, a América do Sul ainda busca seu próprio caminho.

A presença chinesa na região e a expansão de parcerias pelo Sul Global, principalmente por causa do BRICS- cuja UNASUL tinha um forte diálogo-, passou a ser vista como ameaça pelo ocidente a partir da década 2010. Em 2017, pela primeira vez desde 1971, os Estados Unidos passam a considerar a China como inimiga pública e em seus próprios documentos estratégicos. A Estratégia de Defesa Nacional estadunidense oficializa ainda Irã e Rússia como ameaças. Moscou em especial devido ao firme diálogo sino-russo.

Esta questão reflete-se na América Latina já na presidência de Donald Trump com a circulação de notícias entre os militares da região relacionadas a desinformação e propaganda russa. Na edição em português de 2018 da revista militar do Comando Sul, *Diálogo*, existe um artigo intitulado *Propaganda enganosa russa* se intensifica rapidamente na América Latina onde se discute o papel das agências de notícias russas. Em 2020, na edição em espanhol aparece o artigo *China no quiere un orden mundial regido por la democracia*, onde a centralidade é na economia e tecnologia. Traçando um histórico anterior ao período Trump, também se encontra o crescimento paulatino dessas informações. Piero Leirner em *O Brasil no espectro de uma Guerra Híbrida*, revela que antes de 2014 já circulam críticas dentro dos

quartéis brasileiros acerca da aproximação do país e da América do Sul com a China e a Rússia. Segundo o autor, há indícios de que sinais desde Washington apontavam que o Brasil estava se subordinando a uma “nova internacional comunista” desde a Eurásia (LEIRNER, 2020)

A publicação da estratégia defesa da OTAN para a presente década, *NATO 2030- United for a New Era*, tornou oficial a doutrina de combate à aliança sino-russa. Na América do Sul, Craig S. Faller, líder do Comando Sul, já traz esta doutrina no relatório ao congresso dos Estados Unidos em 2021:

Na verdade, após dois anos neste cargo, sinto uma incrível sensação de urgência. Este hemisfério em que vivemos está sob ataque. Os próprios princípios e valores democráticos que nos unem estão sendo minados ativamente por violentas Organizações Criminosas Transnacionais (TCOs) e a RPC- República Popular da China- e a Rússia. Estamos perdendo nossa vantagem posicional neste hemisfério e agir de imediato é necessário para reverter essa tendência. A intervenção vai muito além da influência econômica, a perspectiva estratégica da RPC com mais de 40 portos em andamento, empréstimos significativos que são usados como alavancagem política e práticas predatórias demonstradas de forma ilegal, não declarada, e pescas não regulamentadas (IUU), está enfraquecendo as instituições democráticas e alavancando o futuro deste Hemisfério. Vimos muitas dessas mesmas táticas na Ásia e na África nas últimas décadas e estamos bem cientes dos resultados. Devemos agir agora para evitar os mesmos resultados em nosso próprio hemisfério (FALLER, 2021, pp. 1-2). (Traduzido pelo autor com o auxílio do Google Tradutor).

A América do Sul sempre foi vista como uma zona de segurança para o ocidente, pois sua posição favorecia não apenas o controle do Atlântico, mas sobretudo uma entrada para o continente antártido. Em seu clássico livro, *A Geopolítica do Brasil*, o militar Golbery de Couto e Silva destacava já na década de 1960, que: “*O conjunto triangular da América do Sul, África e Antártida realmente constitui a retaguarda vital de todo o mundo ocidental*” (COUTO E SILVA, 1966, p. 192). E conclui que: “*(...) a América do Sul é, entre esses três, o continente mais importante, dado a sua maior proximidade com o centro do poder capital de todo o Oeste...*” (COUTO E SILVA, 1966, p. 193).

Os documentos *Global Britain* e *2021 Annual Threat Assessment of the U.S. Intelligence Community* são frutos de uma longa discussão de governos anteriores, porém apenas aprovadas após o reposicionamento global de Washington e Londres. Os Estados Unidos rompem a abordagem em relação à China no período Trump, seguindo uma tendência já apresentada na presidência de Barack Obama. A mudança na Grã-Bretanha se confunde com a ascensão da nova ala do Partido Conservador, amparada no consenso que predomina no processo do BREXIT- saída britânica da União Europeia.

O *2021 Annual Threat Assessment of the U.S. Intelligence Community* é um relatório desenvolvido pela inteligência estadunidense, e o primeiro importante documento da presidência Biden-Harris. Seus dois principais

pontos são: O meio ambiente (Recursos naturais) e a estratégia IndoPacífica⁵. A conjuntura mundial é apresentada como perpassada por ameaças aos valores ocidentais vindos desde Rússia, China e Irã. A América Latina, situada na ideia de *Hemisfério Ocidental*, tem importante destaque no setor, conflitos e instabilidade, entre as páginas 26 e 27. Segundo os redatores, a região passa por disputas políticas, permeada por projetos econômicos financiados pela China, e também pela presença política e militar russa na Venezuela e Cuba (ODNI, 2021, pp. 6, 7, 9 e 26 e 27). Os recursos naturais são um aspecto estratégico essencial, ainda que apresentado de maneira vaga, e sob título de mudanças climáticas. Por exemplo, durante a pandemia da Covid-19, a interrupção do fluxo de abastecimento de suprimentos básicos trouxe sérios problemas para os países da OTAN. Garantir este fluxo é destacado como questão de segurança para o ocidente (NATO, 2020, p. 44).

O *Global Britain in a competitive age*, por sua vez, solidifica-se sob a gestão da nova ala do Partido Conservador, liderada por Bóris Johnson desde 2016, com perspectivas estratégicas semelhantes ao documento dos Estados Unidos citado. A seção sobre a América Latina deste documento pontua também a instabilidade política diante de inimigos sistêmicos como Rússia, China e Irã. No *Global Britain*, o período atual é caracterizado como de: 1) Competição entre sistemas políticos; 2) Competição para construir a ordem mundial; 3) Competição nas múltiplas esferas; 4) Insegurança no ambiente político, social e ideológico; 5) Crescimento de conflitos e instabilidade; 6) Maior participação dos Estados na economia; 7) Competição no Ciberespaço; e 8) Competição no espaço externo (HM GOVERNMENT, 2021, pp. 28 e 29).

Em suma, tudo isso é conceituado dentro da ideia de Competição Sistêmica (*Systemic Competition*). Doutrina que foi construída desde a OTAN, também é presente no *NATO 2030* e no analisado documento da inteligência estadunidense. Portanto é possível ler estes documentos de forma integrada e ampla do ponto de vista geoestratégico.

Ainda, no *Global Britain*, a América do Sul, mais presente do que nos demais citados tem a delimitação de interesses mais clara. O combate à corrupção e ao crime organizado são apresentados como importantes junto à preservação dos recursos biológicos. A água potável e a capacidade agrícola são destacadas, algo que é considerado- com base nas palavras citadas de Golbery Couto e Silva- de grande importância estratégica para a segurança do ocidente (HM GOVERNMENT, 2021, p. 64). No fim do tópico que discute sobre a região, aparece inclusive a Antártida. Sobre isso, diz o documento:

Em 2021, o Tratado da Antártica estará em vigor há 60 anos. O Reino Unido foi o primeiro signatário do tratado, que protege a Antártica como um continente de cooperação científica pacífica. Usando o nosso novo navio de pesquisa polar de última geração, RRS Sir David Attenborough, e por meio de investimentos adicionais em nossas estações e capacidades científicas da

⁵ Conceito geopolítico estadunidense que designa a estratégia para conter a China na Ásia, articulando países aliados nos Oceanos Índico e Pacífico por meio de pactos como o Diálogo Quadrilateral de Segurança (Quad)- Austrália, Índia, Japão e Estados Unidos.

Antártica, o Reino Unido continuará a defender e fortalecer o Sistema do Tratado da Antártica e manter nossa liderança no estudo das implicações globais das mudanças climáticas na Antártica. (...) Promoveremos o direito de autodeterminação para os povos dos territórios ultramar e continuaremos a defender e representar internacionalmente as três Dependências da Coroa (Malvinas, Sandwich e Geórgia do Sul, e Antártida Britânica). Manteremos as obrigações do Tratado da Antártica do Reino Unido, incluindo ao redor do Território Antártico Britânico (HM GOVERNMENT, 2021, pp. 64 e 71). (Traduzido pelo autor com auxílio do google tradutor).

Este aspecto é fundamental porque o Atlântico é um dos oceanos mais importantes do mundo, não só em largura, mas pelo potencial geoespacial como rota para dois outros oceanos, o Pacífico e o Índico, e a proximidade com a Antártida. O controle desta “estrada”, hoje sob as mãos da África e América do Sul, possui a tendência de se tornar uma das regiões mais disputadas do planeta. Portanto, o eixo estratégico América do Sul e África tem um potencial muito poderoso neste tema.

A Antártida é um tema importante para geopolítica atual por abranger cerca de 10% da superfície terrestre, e possuir um terreno pouco explorado e mapeado. Seus recursos naturais e minerais são limitados pelo Protocolo de Proteção Ambiental para o Tratado da Antártida, assinado em 1991 pelos países signatários do Tratado da Antártida (FREITAS, s/d). Este tratado, assinado na Guerra Fria, válido até 2041, entrará em discussão nos próximos anos, principalmente devido à necessidade mundial crescente de recursos mineirais, naturais e biológicos raros. É possível exemplificar isso com uma pesquisa sobre a reserva biológica genética da região anunciada em abril de 2020 pelo Instituto de Investigação Polar da Coreia. Este instituto encontrou genes de plantas antártidas que podem ser usados no cultivo de um arroz mais resistente à frios intensos e secas (PRENSA LATINA, 2020).

Não é por acaso que entre os 12 signatários iniciais do Tratado da Antártida em 1959, Argentina e Chile estivessem presentes, e permaneçam ainda como grandes reclamadores de uma presença territorial a despeito da oposição das principais potências. O maior foco de tensão militar na região, junto ao bloqueio contra a Venezuela, ainda é as Ilhas Malvinas, que são a parte do continente mais próxima da Antártida. Segundo Sergio Caplan, as Malvinas e a Antártida são duas questões separadas, mas que compartilham a mesma importância estratégica (CAPLAN, 2012).

No que diz respeito aos recursos naturais e biológicos, outro caso é o amazônico. Sua aparição nos documentos é indireta, possível de se identificar por causa das discussões crescentes sobre biotecnologia e desenvolvimento sustentável que citam a importância de preservar recursos naturais e biomas. Deste tema, a maior floresta tropical do mundo não pode ficar de fora, e é partindo destas discussões que o Congresso dos Estados Unidos aprovou a Lei de Competição Estratégica (*Strategic Competition Act*) em 2021.

De maneira geral, a lei tem por objetivo garantir o acesso aos recursos naturais estratégicos pelos Estados Unidos. Não há menção direta ou seção especial para a América do Sul, pois ela está inserida no tópico *Hemisfério Ocidental*. Os passos a serem tomados para minar a presença chinesa na

região, e fortalecer a capacidade estadunidense de controle dos recursos são delineados. Uma das medidas aprovadas passa pela construção de projetos infraestruturais e pesquisas biotecnológicas fomentadas pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID).

- (1) desde 2005, o Governo da China expandiu os empréstimos soberanos para governos da América Latina e do Caribe que são reembolsados ou garantidos com recursos naturais ou commodities;
- (2) vários países da América Latina e do Caribe que receberam uma quantia significativa de empréstimos soberanos do Governo da China enfrentam desafios para reembolsar esses empréstimos;
- (3) as práticas econômicas predatórias do Governo da China e os empréstimos soberanos na América Latina e no Caribe influenciam negativamente os interesses nacionais dos Estados Unidos no Hemisfério Ocidental;
- (4) o Banco Interamericano de Desenvolvimento, o principal banco multilateral de desenvolvimento dedicado ao Hemisfério Ocidental, deve desempenhar um papel significativo apoiando os países da América Latina e do Caribe na obtenção de estruturas de dívida sustentáveis e capazes de oferecer serviços; e
- (5) o aumento geral em um décimo de capital para o Banco Interamericano de Desenvolvimento fortaleceria a capacidade do Banco de ajudar os países da América Latina e do Caribe a alcançar estruturas de dívida sustentáveis e viáveis (STRATEGIC COMPETITION ACT, 2021, pp. 189 e 190). (Traduzido pelo autor com auxílio do google tradutor)

Em janeiro de 2021, no *Fórum de Davos* ocorreu uma mesa de discussão sobre a Amazônia com a presença do presidente da Colômbia, Ivan Duque, e o Vice-presidente do Brasil, Hamilton Mourão. Nesta mesa, ainda chama a atenção a presença de Maurício Clover-Carone, eleito recentemente chefe do BID, e Maria Alexandra M. Lopez, presidenta da Organização do Tratado de Cooperação Amazônica (OTCA). Seus discursos enfatizaram a importância de preservar a Amazônia e de sua exploração sustentável com o setor privado.

O presidente do BID indicou a criação de um projeto de exploração amazônica sustentável que foi oficializado na reunião dos países do Pacto de Letícia⁶, ocorrida em Barranquilla na Colômbia, em março de 2021. O principal parceiro deste tratado é o próprio BID, que na prática vai distribuir os recursos financeiros em megaprojetos infraestruturais de mineração e pesquisas científicas em países aliados de Washington. Estes acontecimentos são importantes, pois apontam na direção de uma nova onda de exploração predatória da Amazônia. Tanto o presidente colombiano, Ivan Duque, como o vice-presidente de Bolsonaro, Hamilton Mourão, já fizeram defesa pública de modelos extrativistas para a floresta amazônica.

O próprio projeto apresentado pelo BID em seu site é bastante vago, denotando apenas quatro pontos gerais de parceria com os países do Pacto de Letícia: 1) Bioeconomia; 2) Administração sustentável da agricultura, agropecuária e floresta; 3) Capital Humano; 4) Cidades Sustentáveis e

⁶ Este pacto foi assinado entre os países da OTCA- exceto a Venezuela- em 2019, em Letícia, Colômbia, durante as queimadas na Amazônia, discute a exploração sustentável da floresta

Infraestrutura. Isso é fundamental porque os setores militares que hoje hegemonomizam a política colombiana e brasileira, historicamente tem imposto pela violência estes projetos. O modelo histórico vislumbrado lembra em alguma medida a área de mineração de Serra Pelada.⁷

Conclusão: A América do Sul na nova ordem mundial

Em 2009, isto é, pouco antes da queda de uma série de chefes de Estado no Oriente Médio entre 2010 e 2011, o líder líbio Muammar Kaddaffi, fez uma proposta política e militar ambiciosa aos líderes da América do Sul e África em Isla Margarita, na Venezuela: Formar uma aliança militar dos Estados do Atlântico Sul. Embora pouco recordado hoje, isto merece atenção.

Naquele momento, África e América do Sul, se encontravam em um processo de integração regional e diálogo de blocos. Esta aliança proposta ia além de um caráter militar, era estratégica, potencializando uma mudança considerável na balança geopolítica do poder global. Um movimento que pressupõe uma capacidade coordenação sul-americana muito forte.

Concluimos que a desarticulação da UNASUL diante da sólida presença estadunidense na área com a 4ª Frota junto a outros órgãos militares e de inteligência, assim como a saída da Grã-Bretanha da União Europeia, passando a reposicionar sua estratégia para a América do Sul, são sinais importantes para os países da região. Este reposicionamento, destacado a partir dos documentos estratégicos oficializam uma política mais agressiva na defesa dos interesses hegemônicos dos países do ocidente na região.

Compreendemos que controlar a América do Sul garante um trampolim para África, assegura uma importante reserva de recursos naturais raros, e fornece a melhor “ponte” para o continente Antártido. Diante disso, entendemos que a América do Sul dentro da Nova Ordem Mundial após a pandemia da Covid-19 ganhará uma importância estratégica e política que a tornará uma área central nas disputas internacionais. Este reconhecimento é feito pelo próprio 2021 *Annual Threat Assessment of the U.S. Intelligence Community* ao afirmar que no *Hemisfério Ocidental* ocorrerão focos de instabilidade através de eleições contestadas e protestos populares a partir de 2021. A expectativa é de um ambiente polarizado (ODNI, 2021, p. 21).

Diante disso, o retorno do Movimento ao Socialismo (MAS) ao poder na Bolívia, um possível triunfo político da esquerda chilena, e nem mesmo a vitória de Alberto Fernandez na Argentina pode ser considerada como uma contracorrente de triunfo final sobre o neoliberalismo. A presente crise econômica e instabilidade política mergulha o futuro de boa parte dos países em interrogação. A recepção dos projetos do FMI e do BID também é bastante incerta mediante a colossal perda de valor do próprio Dólar e a instabilidade do preço das matérias primas.

⁷ Estabelecida entre 1970 e 1980 no Pará, Serra Pelada foi considerada o modelo de desenvolvimento da ditadura militar para a região norte. Atualmente, a área da colina de Serra Pelada está completamente destruída, boa parte dos recursos minerais fora do Brasil, e permanece extremamente empobrecida.

Em 2020, duas das principais economias mundiais, China e Rússia, deixaram de usar dólares em mais da metade das transações de acordo com o Banco Central da Rússia. A desdolarização da economia internacional é cada vez mais uma realidade reconhecida pelos próprios estadunidenses. O economista Sahil Mahtani, em uma rara oportunidade entre os principais jornais do setor financeiro, *The Wall Street Journal*, afirmou ainda em 2019, que o dólar está sendo retirado de seu pedestal mediante a dois movimentos que ocorreram ao longo da década de 2010: 1) Compras de ouro em reservas internacionais por parte de países como Rússia, China e outros; e 2) A política de sanções estadunidense que desdolarizou o sistema de comércio entre países como Rússia, Irã, Coreia do Norte e Venezuela (MAHTANI, 2019).

O desafio de substituir o dólar, proposta central do Banco do Sul, poderia efetivar com sucesso essa tarefa, evitando os possíveis problemas de "ligação umbilical" à uma moeda com cada vez menor lastro. Não por acaso, recentemente, a Argentina se juntou ao megaprojeto de infraestruturas mundiais promovida pelo Banco Asiático de Desenvolvimento, e tem feito igualmente esforços para criar uma política pacífica para o país, visto que momentaneamente a UNASUL está esvaziada.

Diante deste cenário, um contrapoder vindo desde a integração asiática tem forte impacto nas disputas internas das sociedades sul-americanas, e pode favorecer o reinício das discussões sobre integração. Segundo Theotonio dos Santos o estabelecimento da UNASUL é de grande interesse para a União Europeia, os países africanos e os membros do BRICS (DOS SANTOS, 2016, pp. 386-389). O sucesso da estratégia de contenção sino-russa dos Estados Unidos passa pela América do Sul que tem um papel importante na *Doutrina do Indo-Pacífico*. Este movimento necessita da desarticulação política do bloco sul-americano já vislumbrada por Nicholas Spykman:

Os países do ABC (Argentina, Brasil e Chile) representam uma região em nossa hegemonia onde, se desafiada, só pode ser reafirmada às custas de uma guerra. (...) Para nossos vizinhos abaixo do Rio Grande, continuamos sendo o "Colosso do Norte", que em um mundo de poder político só pode significar uma coisa: perigo. (...) Isso significa que os países fora da zona de nossa predominância imediata, os maiores Estados da América do Sul, devem tentar contrabalançar nossa força por meio da ação comum e do uso de pesos externos do hemisfério (SPYKMAN, 1942, pp. 62 e 64).

Diante dessas ponderações, asseveramos que as questões pontuadas neste trabalho dificilmente são resolúveis de forma unilateral. No caso da Antártida, apesar do estabelecimento da sede do Secretariado do Tratado em Buenos Aires ter sido uma importante vitória para os argentinos e a região em 2004, a supranacionalização da questão se tornou a tendência dominante segundo Felipe Ferreira (FERREIRA, 2009, pp. 97-100). Este movimento não permite que os países sul-americanos estejam vulneráveis desde que exista uma ação coordenada na direção de demandas e compromissos. Tais ações apenas podem ser realizadas através de uma política estratégica antártida sul-americana, algo que não existe até o momento presente.

Da mesma maneira, a supranacionalização da questão amazônica diante de acordos com o BID a partir dos países do Pacto de Letícia, põe a região em volta de velhos dilemas da segunda metade do século XX. Parcerias público privadas em projetos extrativistas e fiscalização de caráter nacional, e não mais regional a partir da pressão de Brasil e Colômbia. Os diversos tipos de contrabando e garimpos ilegais, já utilizados desde o século XX para escoar produtos de importância técnica e científica, tais como a borracha, perdem intensidade na região durante os anos 2000. A biopirataria passou a ser reconhecida como uma atividade criminosa e o próprio CDS iniciou uma discussão ainda bem rudimentar sobre o tema a partir de 2010, algo já citado linhas atrás neste artigo.

Existe uma necessidade política da América do Sul retomar de maneira mais firme o tema da integração regional a médio prazo a partir de um projeto estratégico para contrabalançar a atual Competição Estratégica internacional entre o bloco de países euroasiáticos e a OTAN. Theotonio dos Santos pondera que na atual fase da economia mundial, continentes ganham um papel muito importante pela extensão dos mercados internos e potencial material. A UNASUL possui este potencial econômico, político e estratégico possibilitado por uma ordem multipolar (DOS SANTOS, 2016, p. 244).

Por fim, cabe indicar que a história sul-americana, marcada pela destruição física e simbólica de seus povos, ainda passa por um longo processo de reconstituição de suas referências filosóficas, ideológicas e políticas. A mera substituição das orientações externas a região não resolverá um dilema histórico. A superação deste processo destrutivo requer um tempo maior do que o atualmente necessário para a inserção na nova realidade mundial em emergência. Acelerar isto é pouco possível, pois a história possui ritmo próprio de movimentação processual, determinado pela luta dos povos da região, cujas temporalidades são muito diferentes.

O recente processo histórico boliviano, é um possível indicativo do aprofundamento de que ano a ano, isso pode vir a ser um movimento que saia do coração da região para outros países. Portanto, há de se atentar para o resultado disso nas próximas décadas, onde igualmente, o poder de influência dos Estados Unidos diminui, ou ao menos significativamente é afetado. Neste sentido, o pós-Covid-19 e a presente crise existencial de Washington abrem uma oportunidade histórica para a região.

Enfim, invertendo a afirmação de Golbery de Couto e Silva, a América do Sul não é mais a retaguarda do mundo ocidental enquanto importante faixa de terra do triângulo composto com a África e a Antártida. A América do Sul possui o potencial de se tornar um importante polo político articulador dentro de uma ordem multipolar.

Referências

AGÊNCIA BRASIL. **Porto de Santos fecha o ano com recorde de movimentação de carga.** 2016. Disponível em:

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2019-01/porto-desantos-fecha-o-ano-com-recorde-de-movimentacao-de-carga>. Acesso 15 de outubro de 2020.

AUTORIDAD PORTUARIA NACIONAL. **Resumen: Movimiento de Carga en los terminales portuários de uso publico y privado, año 2016**. Editado por Autoridad Portuaria Nacional, 2017. Disponível em: <https://www.apn.gob.pe/site/estadisticas.aspx>.

_____. **Plan maestro del terminal portuário de Callao**. Editado por Autoridad Portuaria Nacional, 2010. Disponível em: [https://cdn.www.gob.pe/uploads/document/file/753397/ANEXO_8 - PLAN MAESTRO DEL TERMINAL PORTUARIO DEL CALLAO.pdf](https://cdn.www.gob.pe/uploads/document/file/753397/ANEXO_8_-_PLAN_MAESTRO_DEL_TERMINAL_PORTUARIO_DEL_CALLAO.pdf).

BORÓN, Atílio; KLACHKO, Paula; e outros. **América Latina na encruzilhada: lawfare, golpes e luta de classes**. Editado por Autonomia Literária, São Paulo, 2020

CAMARA ARGENTINA DE LA CONSTRUCCIÓN. **Infraestrutura portuaria de Argentina 1810-2010**. s/d. Disponível em: https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwiU1eqXwO7sAhUXEbkGHfAAAScQFjAAe_gQICBAC&url=http%3A%2F%2Fwww.camarco.org.ar%2FFile%2FGetPublicFile%3Fid%3D1207&usg=AOvVaw1M7ycAVV99HYaEcvWdRI94.

CAPLAN, Sergio. Hacia una Antártida suramericana. In: **Boletín Informativo del CENSUD**. La Plata, N° 51, 2015. Disponível em: http://sedici.unlp.edu.ar/bitstream/handle/10915/100366/Documento_completo.pdf-PDFA.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em 2 de novembro de 2016.

_____. Malvinas y Antartida: Um mesmo reclamo. In: **Observatorio Polar**. Buenos Aires, N° 13, Ano IV. Centro de Estudios Internacionales, 2012.

Disponível em:
https://issuu.com/sergiog.caplan/docs/observatorio_polar__n_13__verano_sur__caei. Acesso em 28 de outubro de 2020

CICCHINI, Joëlle; HERRERA, Rémy. Some notes about the U.S. military bases and personnel abroad. In: **Journal of Innovation Economics & Management**. Dunquerque- França, 2013/2, N°12, pp. 127-149.

DEPARTMENT OF COMMERCE. **Export import Data Bank**. Disponíveis em: <https://tradestat.commerce.gov.in/eidb/default.asp>. Acesso em 02 de abril de 2021.

DOS SANTOS, Theotonio. **Desenvolvimento e Civilização**. Editado por EDUERJ, Rio de Janeiro, 2016.

FALLER, Craig S. **STATEMENT OF ADMIRAL CRAIG S. FALLER COMMANDER, UNITED STATES SOUTHERN COMMAND**. Washington D. C. 2021. Disponível em:
https://www.southcom.mil/Portals/7/Documents/Posture%20Statements/SOUTHCOM%202021%20Posture%20Statement_FINAL.pdf?ver=qVZdqBYBi_-rPgtL2LzDkg%3d%3d. Acesso em 26 de junho de 2021.

FREITAS, Eduardo de. A Antártida. In: **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/a-antartida.htm>. Acesso em 02 de agosto de 2021.

_____. Ocupação da Antártida. In: **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/a-antartida.htm>. Acesso em 02 de agosto de 2021.

FERREIRA, Felipe R. Gomes. **O sistema do Tratado da Antártica: evolução do regime e seu impacto na política externa brasileira**. Editado pela Fundação Alexandre de Gusmão, Brasília, 2009.

FONSECA, Brian. Propaganda enganosa russa se intensifica rapidamente na América Latina. In: **Diálogo**. Doral- Estados Unidos, Edição 2018, pp. 20-25.

_____. CHINA NO QUIERE UN ORDEN MUNDIAL REGIDO POR LA DEMOCRACIA. In: **Diálogo**. Doral- Estados Unidos, Edição 2020/1, N° 1, pp. 82-87.

GRANMA. **Bases militares dos EUA na América Latina e no Caribe. O plano da América do Sul.** 2018. Disponível em: <http://pt.granma.cu/mundo/2018-08-16/bases-militares-dos-eua-naamerica-latina-e-no-caribe-o-plano-da-america-do-sul>. Acesso 15 de maio de 2021.

HERBST, Marcelo H; MACÊDO, Maria Iaponeide F. Tecnologia dos nanotubos de carbono: Tendências e perspectivas de uma área multidisciplinar. In: **Revista Química Nova**. São Paulo, Vol: 27, N° 6, 2004. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-40422004000600025&lang=pt. Acesso em 22 de outubro de 2020.

HM GOVERNMENT. **Global Britain in a competitive age.** 2021. Disponível em: https://assets.publishing.service.gov.uk/government/uploads/system/uploads/attachment_data/file/975077/Global_Britain_in_a_Competitive_Age_the_Integrated_Review_of_Security_Defence_Development_and_Foreign_Policy.pdf. Acesso em 30 de abril de 2021.

INTER-AMERICAN DEVELOPMENT BANK. **IDB launches initiative for the sustainable development of the Amazon region.** 2021. Disponível em: <https://www.iadb.org/en/news/idb-launches-initiative-sustainabledevelopment-amazon-region>. Acesso em 23 de junho de 2021.

KNOMEA. **World GDP ranking 2014.** Dados retirados de: <https://pt.knoema.com/acllkgd/world-gdp-ranking-2014-data-and-charts>. Acesso em 28 de outubro de 2020.

KUHLMAN, Paulo Roberto Loyolla. **Exército Brasileiro: Estrutura militar e ordenamento político (1984-2007)**. Tese apresentada ao Departamento de Ciência Política da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Doutor em Ciência Política. USP, 2007. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8131/tde-04032008-114202/publico/TESE_PAULO_R_LOYOLLA_KUHLMANN.pdf.

LEIRNER, Piero C. **O Brasil no espectro de uma guerra híbrida**. Editado por Alameda, São Paulo, 2020.

MAHTANI, Sahil. The Dollar May Be Knocked off Its Pedestal. In: **Wall Street Journal**. 2019. Disponível em: <https://www.wsj.com/articles/the-dollar-may-be-knocked-off-its-pedestal-11558565449>. Acesso em 14 de junho de 2021.

MINISTERIO DE LA DEFENSA. **Efectivos de las fuerzas armadas**. Disponível em: <https://www.argentina.gob.ar/defensa/datos-estadisticos-fuerzasarmadas>. Acesso em 08 de novembro de 2020.

MONIZ-BANDEIRA, Luiz Alberto. **Estado Nacional e Política Internacional na América Latina- O Continente nas relações Argentina-Brasil (1930-1992)**. Editado pela Universidade de Brasília, 1993.

NATO. **NATO 2030: United for a New Era. 2020**. Disponível em: https://www.nato.int/nato_static_fl2014/assets/pdf/2020/12/pdf/201201-Reflection-Group-Final-Report-Uni.pdf.

NATIONAL BUREAU STATISTICS OF CHINA. **China Statistical Yearbook 2001, 2005, 2009, 2013 e 2017**. Editados por China Statistic Press, Pequim. Disponíveis em: <http://www.stats.gov.cn/english/statisticaldata/yearlydata/YB2001e/ml/indexE.htm>; <http://www.stats.gov.cn/tjsj/ndsj/2005/indexeh.htm>;

<http://www.stats.gov.cn/tjsj/ndsj/2009/indexeh.htm>;

<http://www.stats.gov.cn/tjsj/ndsj/2013/indexeh.htm>

e

<http://www.stats.gov.cn/tjsj/ndsj/2017/indexeh.htm>.

OFFICE OF THE DIRECTOR OF NATIONAL INTELLIGENCE. **2021 Annual Threat Assessment of the US Intelligence Community**. Washington D. C. 2021. Disponível em: <https://www.dni.gov/files/ODNI/documents/assessments/ATA-2021-Unclassified-Report.pdf>. Acesso em 10 de junho de 2021.

PORTO DE SANTOS. **Anuário Portuário**. Santos, 2001. Disponível em: <http://web.antaq.gov.br/Portalv3/Anuarios/Portuario2001/Portos/Santos.htm>. Acesso em 16 de outubro de 2020.

_____. **Mensário estatístico do Porto de Santos**. Santos, 2008. Disponível em: http://intranet.portodesantos.com.br/docs_codesp/doc_codesp_pdf_site.asp?id=123063. Acesso em 16 de outubro de 2020.

PUETO SAN ANTONIO. **Puerto San Antonio en cifras 2019**. San AntonioChile, 2020. Disponível em: https://www.puertosanantonio.com/psa/site/docs/20200804/20200804132749/puerto_en_cifras.pdf. Acesso em 20 de outubro de 2020.

RABASA, Angel. Anexo: The Colombian Armed Forces. In: **Colombian Labyrinth: The Synergy of Drugs and Insurgency and Its Implications for Regional Stability**. Editado por Rand Corporation, Santa Mônica-California, 2001, pp. 101-105.

RESDAL. **Atlas comparativo de la Defensa en America Latina y Caribe-2016**. Editado por RESDAL, 2017.

REVISTA DEL SECTOR MARÍTIMO INGENIERIA NAVAL. **Los 10 Mayores Puertos de América Latina y Caribe en tráfico de contenedores de**

2016. 2017. Retirado de: <https://sectormaritimo.es/los-10-mayores-puertos-deamerica-latina-y-caribe-en-trafico-de-contenedores-de-2016>. Acesso em 24 de outubro de 2020.

SILK ROAD BRIEFING. Argentina Joins Asian Infrastructure Investment Bank. 2020. Disponível em: <https://www.silkroadbriefing.com/news/2020/11/02/argentina-joinsasian-infrastructure-investment-bank/>. Acesso em 26 de junho de 2021.

SIPRI. Military expenditure by country, in constant (2018) US\$ m., 1988-2019. Editado pelo SIPRI. Estocolomo. Disponível em: <https://www.sipri.org/sites/default/files/Data%20for%20all%20countries%20from%201988%E2%80%932019%20in%20constant%20%282018%29%20USD.pdf>. Acesso em 02 de novembro de 2020.

SPYKMAN, Nicholas J. AMERICA'S STRATEGY IN WORLD POLITICS. Editado por Harcourt, Brace and Company, Nova York, 1942.

ESTADOS UNIDOS. STRATEGIC COMPETITION ACT. 2021. Disponível em: <https://www.foreign.senate.gov/imo/media/doc/DAV21598%20-%20Strategic%20Competition%20Act%20of%202021.pdf>. Acesso em 22 de junho de 2021.

SUPERINTENDÊNCIA DE PUERTOS Y TRANSPORTE. Movimiento de carga por los puertos de Colombia- Informe Consolidado Año 2008. Editado por Oficina asesora de Planeación- Superintendencia de Puertos y Transporte, Bogotá, 2009.

_____. **Movimiento de carga por los puertos de Colombia- Informe Consolidado Año 2016.** Editado por Oficina asesora de PlaneaciónSuperintendencia de Puertos y Transporte, Bogotá, 2017.

_____. **Tráfico por zona portuario em Colombia por Zona portuaria y sociedad portuaria- 1994-2007**. Editado por Oficina asesora de Planeación-Superintendencia de Puertos y Transporte, Bogotá, s/d. Disponível em: https://supertransporte.gov.co/documentos/2019/Diciembre/Puertos_20_/2019-12_06_TRAFICO_PORTUARIO_1994-2007_ok.pdf.

TAVARES, Luiz Edmundo. **Brasil Lindeiro: o Sul (1479-1750)**. In: Revista Navigator. Rio de Janeiro, Vol: 8, Nº 15, 2012, pp. 27-37

TRAVASSOS, Mário. **Projeção Continental Brasileira**. Editado por Companhia Editora Nacional, 3ª edição, Rio de Janeiro, 1938.

UNASUR. **Unión de Naciones Suramericanas (UNASUR)- Consejo de Defensa Suramericano (CDS), Plan de Acción 2013**. Caracas, 2013.

WORLD BANK. **Industry (Including construction, value added (Constant 2010 US\$)**. Dados retirados de: <https://data.worldbank.org/indicador/NV.IND.TOTL.KD?end=2014&locations=AR-BR-BO-CL-CO-EC-PY-UY-VE-PE-CN-US-JP&start=1994>. Acesso em 28 de outubro de 2020.

_____. **GDP (Current US\$)**. Dados retirados de: <https://data.worldbank.org/indicador/NY.GDP.MKTP.CD?end=2014&locations=ZG-MA-DZ-TN-EG-LY&start=2005>. Acesso em 28 de outubro de 2020.

_____. **Personal total de las fuerzas armadas, total- Chile**. Dados retirados de: <https://datos.bancomundial.org/indicador/MS.MIL.TOTL.P1?end=2017&locations=CL&start=2000>. Acesso em 6 de novembro de 2020.

WORLD ECONOMIC FORUM. **Financing the Amazon's Transition to a Sustainable Bioeconomy | DAVOS AGENDA 2021**. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=XFwSQegrB8o>. Acesso em 22 de março de 2021.

ZANIN MARTINS, Cristiano; ZANIN MARTINS, Valeska Teixeira; VALIM, Rafael. **Lawfare: uma introdução**. Editora Contracorrente, São Paulo, 2019.